

COMUNICADO DE IMPRENSA

EMBARGO – até 00:01 TMG, sexta feira 8 de Outubro

Nº 2 da série sobre sobrevivência infantil

**A comunidade internacional não está a cumprir a promessa
de fazer baixar a mortalidade infantil**

***98 países começaram mal para atingir uma redução dois terços até 2015;
a SIDA e os conflitos levam estão a provocar retrocessos em alguns países***

Nova York, 7 de Outubro 2004 - Novos dados apresentados hoje pela UNICEF mostram que os progressos conseguidos quanto à diminuição da mortalidade infantil são de uma lentidão alarmante, apesar da existência de intervenções de eficácia comprovada e de custos reduzidos. A UNICEF diz que há 90 países no bom caminho para atingir o objectivo de uma redução de dois terços da mortalidade infantil até 2015, enquanto outros 98 estão muito longe desse objectivo, e que, de um modo geral, os avanços são demasiado lentos.

Ao ritmo actual, a taxa média de mortalidade dos menores de cinco anos registaria em 2015 uma descida de cerca de um quarto, ou seja, muito aquém dos dois terços assumidos pelos dirigentes mundiais.

“O direito de uma criança à sobrevivência é o primeiro critério de igualdade, de possibilidade de futuro e de liberdade”, afirmou a Directora Executiva da UNICEF, Carol Bellamy por ocasião do lançamento do relatório *Progresso para as Crianças*, que teve lugar em Nova Iorque. “Numa época em que a tecnologia e a medicina têm conseguido autênticas maravilhas, é inconcebível que a sobrevivência das crianças, sobretudo das que são pobres e marginalizadas, seja tão frágil e em tantos lugares. É possível fazer muito mais e melhor.”

O *Progresso para as Crianças* classifica os países em função da sua taxa média de progresso anual desde 1990, ano em que se baseia o objectivo de redução da mortalidade infantil em dois terços até 2015, e que foi acordado por todos os governos no quadro dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

A mortalidade infantil refere-se ao número de crianças que morrem antes de completarem 5 anos, e é calculada por 1000 nados-vivos. Em 2002, por exemplo, o ano mais recente para o qual existem dados de conjunto, nos países industrializados a taxa média de mortalidade infantil era de 7/1000; nos países menos desenvolvidos era de 158/1000. Para a UNICEF a taxa de mortalidade infantil é um indicador fundamental do progresso de um país.

Os quadros regionais apresentados neste relatório permitem avaliar o ritmo dos progressos realizados pelos diversos países relativamente à mortalidade infantil entre 1990 e 2002. A redução de dois terços como objectivo a atingir entre 1990 e 2015 pressupunha uma taxa anual de progresso de cerca de 4,4 por cento. O relatório revela que nenhuma região atingiu esse patamar, ainda que, a título individual, 50 países o tenham feito. Por outro lado, 78 países nem sequer conseguiram uma taxa média de redução anual da mortalidade infantil de 2 por cento.

Estes números mostram claramente que estes países têm agora pela frente uma tarefa bem mais difícil. Para atingir o objectivo no prazo definido, pelo menos 39 países têm que conseguir baixar as suas taxas de mortalidade infantil em mais de 8 pontos percentuais ao ano.

Retrocessos

As taxas de mortalidade infantil variam consideravelmente entre regiões e entre países, mas o que é extremamente preocupante são os casos em que os progressos foram negativos, ou seja, os países que estão a regredir e onde a mortalidade infantil se agravou. Em vários países da África subsariana e na Comunidade de Estados Independentes, a probabilidade das crianças chegarem aos cinco anos de diminuiu relativamente a 1990.

O VIH/SIDA continua a ser um dos principais factores que se reflectem negativamente nas tendências da mortalidade infantil, especialmente na África subsariana. O Botsuana, o Zimbabué e a Suazilândia, onde se registam os aumentos mais significativos da mortalidade infantil (2º, 3º e 4º respectivamente), estão no grupo dos países com índices de prevalência do VIH mais elevados do mundo – 37, 25 e 39 por cento respectivamente. Outros factores que contribuem fortemente para esta subida em flecha das taxas de mortalidade infantil são os conflitos armados e a instabilidade social, como acontece no Iraque e no Afeganistão.

Apesar de registar uma pequena melhoria, a Serra Leoa continua a ter a taxa de mortalidade infantil mais elevada do mundo: mais de uma em cada quatro crianças morre antes dos cinco anos (284/1000).

Em média, os países da América Latina e Caraíbas foram os que conseguiram obter melhores resultados, embora estejam a surgir grandes disparidades na região. A pobreza e a discriminação estão a impedir que um grande número de crianças tenha acesso a serviços básicos. A Malásia, Malta e o Egipto foram de todos os países os que mais conseguiram avançar, embora o Egipto continue ter que lutar contra a poliomielite. O Iraque foi o que perdeu mais terreno desde 1990.

Causas

Os partos sem condições adequadas – poucos ou nenhuns cuidados de saúde para as mães, ausência de pessoal devidamente preparado para assistir ao parto – estão na origem da grande maioria das mortes que é possível evitar. As doenças infecciosas e parasitárias como as diarreias e as infecções respiratórias agudas, surgem em segundo lugar como causa de morte, seguidas do paludismo e do sarampo. As infecções respiratórias e a diarreia são a principal causa de perto de um terço das mortes de crianças.

A má nutrição contribui para cerca de metade do total de mortes infantis. Outros factores de peso são a água imprópria e falta de saneamento básico.

“A comunidade internacional dispõe dos instrumentos necessários para melhorar a sobrevivência infantil, mas era preciso que os utilizasse.” afirmou Carol Bellamy. “As vacinas, os suplementos de micronutrientes e as redes mosquiteiras tratadas com insecticidas não custam muito caro, e permitem salvar milhões de crianças. Contudo, estes instrumentos e técnicas não estão suficientemente disponíveis para as crianças que deles precisam. E é isso que deve mudar. Não devia ser permitido que nenhum governo deixasse passar mais dez anos com tão poucos progressos para as crianças. Os dirigentes aceitaram estes objectivos e é necessário que sejam confrontados com as suas responsabilidades.”

Em termos regionais, uma boa parte do Médio Oriente e do Norte de África, da América Latina e das Caraíbas, do Leste Asiático e do Pacífico estão no bom caminho para atingir o objectivo. Mas a Europa Central e de Leste, o Sul da Ásia e a África subsariana terão que tomar medidas excepcionais para lá chegar.

Para mais informações, é favor contactar:

Madalena Grilo, Comité Português para a Unicef, tel 21 317 75 00/11 press@unicef.pt

Material vídeo, audio e outros dados disponíveis em www.unicef.org